

EDUCAÇÃO PARA ALUNOS PRIVADOS DE LIBERDADE: EXPERIÊNCIAS DE ESTÁGIO NA EJA

Samily Viana Pantoja

UFPA, samillyufpa2019@gmail.com

Luís de Nazaré Viana Valente

UFPA, luisvalenteufpa@gmail.com

Resumo

A presente pesquisa traz para campo discussões referentes a uma experiência de Estágio na Educação de Jovens e Adultos - EJA, realizado na Escola de Reinserção Social Aguinaldo Júnior, com alunos privados de liberdade (PPL's). É importante ressaltar, que a Constituição Federal de 1988 em seu artigo 205 diz: "A educação, direito de todos", portanto nessa experiência não se buscou definir os alunos no contexto em que se encontram, mas, como sujeitos de direitos. No corpo da pesquisa situa-se a introdução sobre a importância do estágio supervisionado para a formação docente, o objetivo da pesquisa, referencial teórico, procedimentos metodológicos, resultados e discussões, que culminam com uma reflexão final acerca dessa experiência e a sua importância para a formação humana e profissional dos discentes em formação envolvidos.

Palavras-chave: Educação. Direito. Liberdade. Reinserção.

Abstract

This research presents discussions regarding an internship experience in Youth and Adult Education (EJA) conducted at the Aguinaldo Júnior Social Reintegration School, with students deprived of liberty (PPLs). It is important to emphasize that the Federal Constitution of 1988, in its Article 205, states: "Education is the right of all." Therefore, this experience did not aim to define the students by the context in which they find themselves, but rather as subjects of rights. The body of the research includes an introduction on the importance of supervised internships for teacher training, the research objectives, theoretical framework, methodological procedures, results, and discussions, culminating in a final reflection on this experience and its significance for the human and professional development of the involved trainee students.

Keywords: Education. Rights. Freedom. Reintegration.

INTRODUÇÃO

O estágio é o momento em que os alunos têm a oportunidade de observar e aprender na prática todo o conhecimento adquirido ao longo do curso. Dessa maneira, ele é primordial para a formação docente, já que através dele o educando torna-se um professor reflexivo, questionador, investigador e pesquisador, capaz de produzir conhecimentos, modificar, adaptar sua prática pedagógica, aprendendo a lidar com os percalços e problemas que surgem nas situações da realidade escolar, que não são apresentadas nos livros, mas sim adquiridas nas experiências. Portanto, o estágio supervisionado é um momento de descoberta onde há a necessidade da interação e integração entre teoria e prática.

No caso específico da Educação de Jovens e Adultos (EJA), há a necessidade de se ter um olhar mais atento, pois esse público tem suas especificidades, normalmente são jovens e adultos com histórico de exclusão escolar, marginalizados pela sociedade. Arroyo (2006) aponta a sua histórica condição marginal, por ser esta uma modalidade que se constituiu a margem do sistema brasileiro. Assim, pensar a respeito das especificidades desses alunos exige uma reflexão sobre a situação de excluídos da escola, uma vez que, há a urgência da inclusão desses indivíduos no contexto escolar.

A metodologia se deu em dois momentos: no primeiro momento houve a observação, tanto da estrutura física, administrativa e a parte pedagógica, como também a observação da interação dos alunos no ambiente educacional. A partir da análise desse espaço identificamos algumas problemáticas relacionada a esta modalidade, principalmente o preconceito que se tem ao oferecer educação a pessoas privada de liberdade, já que para muitos a educação não deveria abranger esses sujeitos. No segundo momento, ocorreu a regência, com o planejamento de uma aula expositiva utilizando a pedagogia freiriana (Freire, 1967).

Vale ressaltar que a Constituição Federal de 1988 nos garante educação para todos, no seu Art. 205 diz: “A educação, direito de todos”, por isso esse direito não deve ser negado a ninguém, pois apesar dos erros cometidos por esses cidadãos, eles continuam sendo seres humanos com direitos fundamentais, e o acesso à educação garante com que eles tenham uma segunda chance de ter uma vida melhor após o cumprimento da pena. Considerando isso, nessa experiência não se buscou definir os alunos no contexto em que se encontram, mas, como sujeitos de direitos.

A justificativa de pesquisar sobre essa temática repousa no fato de que os direitos dos que estão privados de liberdade muitas vezes são negados e aos desafios educacionais nesse sistema de ensino, pois poucos desses trabalhos oferecem uma análise acerca da educação nesse

contexto por um viés libertador. Nesse segmento, acredita-se na relevância deste estudo ao ser capaz ampliar as perspectivas de acadêmicos e futuros gestores ao propiciar um profundo entendimento de conceitos sobre a EJA em contexto prisional que todo aluno graduando em pedagogia deve conhecer.

Seguindo esse pensamento, Paulo Freire afirma que a escola no sistema prisional tem o papel de reconstruir a identidade perdida e ajudar a ressocializar os que estão privados de liberdade, ele ainda enfatiza que a educação é um ato libertador que permite aos indivíduos adquirir autonomia e exercer a cidadania. Segundo ele, "Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo" (Freire, 1979, p. 84).

Apesar dos desafios que encontramos na Educação de Jovens e adultos na CRRCAM, essa experiência nos mostra que os resultados são possíveis de serem alcançados, na medida em que nós, profissionais da educação, visamos garantir acesso à educação, e incentivo à prática de leitura, para esses alunos que hoje cumprem pena, mas que possam voltar a sociedade de forma mais digna e verdadeiramente ressocializado.

O objetivo deste artigo é relatar as experiências vivenciadas durante o estágio supervisionado na modalidade EJA, analisando desafios, as oportunidades e o impacto da educação nesse contexto. Investigando juntamente a Escola de Reinserção Social Aginaldo Júnior, realizando observações e atividades de regências de classe.

METODOLOGIA

A prática metodológica de observação para a realização deste relato de experiência de estágio ocorreu no período de 06 a 16 de junho de 2023, na Escola de Reinserção Aginaldo Júnior que acontece no Centro de Recuperação Regional de Cameté (CRRCAM), localizada na Av. Euclides Figueiredo nº 1051 – Matinha, Cameté-PA. O estágio contou com o professor supervisor Hélio Vasconcelos França Góes, na turma de 2ª etapa da EJA que corresponde ao 5º ano do ensino fundamental, com carga horária de 26h 45min.

O trabalho realizado destaca-se como delineamento por meio de um relatório de experiência de estágio na EJA com os privados de liberdade. Fomos a campo e acompanhamos a turma da EJA de uma escola prisional, em que pudemos observar, dialogar e aprender, de fato, tudo sobre essa modalidade de ensino.

Os procedimentos metodológicos ocorreram da seguinte maneira: As atividades do estágio iniciaram, com a visita a escola Santa Terezinha a qual a Escola de Reinserção Social Aginaldo Júnior, está vinculada para o seu funcionamento. O segundo encontro, aconteceu no

CRRCAM, na reunião de planejamento, onde os estagiários estiveram presentes, observando o espaço onde os alunos realizam suas atividades, e o momento de discussão, acerca da reformulação no termo de funcionamento da escola. No terceiro encontro, foram realizadas observações das aulas do professor, em equipe, junto aos alunos que fazem parte da escola. A observação docente se deu nos turnos manhã e tarde para observar a dinâmica em sala e conhecer os alunos oficialmente. Iniciou-se com as apresentações do professor supervisor dos alunos, logo depois dos estagiários, seguindo com a aula, que se deu com uma prova diagnóstica da SEMED. Em seguida, de uma forma discursiva e reflexiva a aula prosseguiu através de dúvidas que iam surgindo dos alunos, o componente curricular trabalhado neste dia foi ciências.

No segundo momento ocorreu a regência, onde foi proposto aos estagiários, o planejamento de uma aula expositiva, onde ficou a critério de cada um escolher um componente curricular de maior afinidade para trabalhar e confeccionar cartilhas de atividades para os alunos, podendo também utilizar outros instrumentos didáticos.

Para complementar, nos encontros presenciais foram realizadas atividades como: texto de apresentação, uma forma de se apresentar e acolher a apresentação dos alunos, texto sobre que componente curricular mais gosta de estudar, escolha do componente curricular e confecção de um caderno de estudo (Figuras 1 e 2), elaboração do plano de aula, avaliação da aula de regência e resumo expandido do estágio, assim concluindo o estágio Supervisionado na Educação de Jovens e Adultos.

Figura 1 – Capa do caderno de estudo

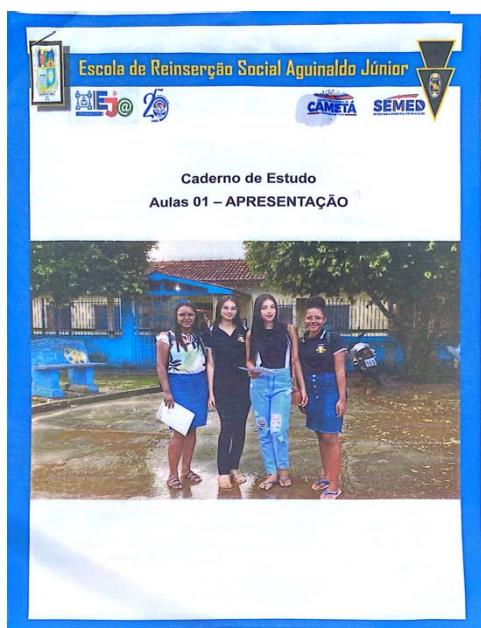


Figura 2 – Caderno de estudo

Escola de Reinserção Social "Aginaldo Júnior"
EJA 2ª Etapa - SEAP/SEMED
Prof. Ms. Helen Yvone dos Santos França Gomes

Aluno: Samilly Viana Pantoja
Data: 14/02/2019
Pensamento do dia: liberdade

UNIDADE TEMÁTICA:
"Terra e Universo"
(BRASIL, 2018, p.338)

OBJETO DE CONHECIMENTO:
"Constelações e mapas celestes."
(BRASIL, 2018, p.338)

HABILIDADE:
"[EF05C11] Associar o movimento diário do Sol e das demais estrelas no céu ao movimento de rotação da Terra."
(BRASIL, 2018, p.339)

EXPECTATIVA DE APRENDIZAGEM:
"2. Compreender conceitos fundamentais e estruturas explicativas das Ciências da Natureza, bem como dominar processos, práticas e procedimentos da investigação científica."

A ORIGEM DO UNIVERSO
Olá! Me chamo Samilly Viana, sou graduanda em Pedagogia da UFPA – serei a encarregada por auxiliar a todos na aula de hoje, na qual iremos falar sobre Astronomia, a criação do universo e os principais corpos celestes.

ESTAGIÁRIA SAMILLY VIANA PANTOJA
Graduada no curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Pará (2019).

De acordo com o vídeo assistido "Big-bang: A origem do Universo" e com o que você aprendeu durante a aula, como você acredita que o mundo surgiu e tudo o que nele existe?
o mundo surgiu de big bang e tudo o que nele existe veio depois

Fonte: De autoria própria.

A metodologia utilizada durante a regência foi baseada na pedagogia freiriana, de Paulo Freire. No livro "Educação como Prática da Liberdade" (1967) Paulo Freire utiliza métodos que associa a teoria e a práxis como elementos de efetiva construção de uma educação libertária. A pedagogia freiriana é uma abordagem educacional que enfatiza a importância da conscientização, da reflexão crítica e da participação ativa dos alunos no processo de aprendizagem. Ao trabalhar com alunos privados de liberdade, essa pedagogia foi uma ferramenta poderosa para promover a educação como prática de liberdade. Para aplicá-la nesse contexto, foi essencial utilizarmos as estratégias do *diálogo e escuta ativa*, para estabelecer um ambiente de diálogo aberto e respeitoso, no qual os alunos sintam-se encorajados a expressar suas ideias, experiências e desafios.

No livro, Freire (1967) também discute a importância dos *temas geradores* para a educação libertadora, que parte dos conhecimentos prévios e da realidade dos estudantes. Esses temas são pontos de partida para a reflexão crítica e a construção do conhecimento. Através desses *temas geradores*, foi possível identificar temas relevantes para a realidade dos alunos privados de liberdade, de modo a promover a reflexão crítica e a conscientização sobre questões sociais, políticas e culturais. Ao adotar essas estratégias, utilizamos a pedagogia freiriana como uma ferramenta para promover uma educação libertadora e transformadora, contribuindo para o processo de ressocialização e reinserção social dos alunos privados de liberdade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A partir desta pesquisa, foi possível compreender que o aluno da EJA não está na escola somente em busca de recuperar o tempo perdido e sim recolocar sonhos de um futuro não palpável e de uma condição de vida melhor, o que torna a escola um importante espaço de construção e emancipação, assim como pontua Paulo Freire:

É preciso que a educação esteja em seu conteúdo, em seus programas e em seus métodos - adaptada ao fim que se persegue: permitir ao homem chegar a ser sujeito, construir-se como pessoa, transformar o mundo, estabelecer com os outros homens relações de reciprocidade, fazer a cultura e a história (...) uma educação que liberte, que não adapte, domestique ou subjogue. (Freire, 2006, p. 45)

Neste sentido, depreende-se que é necessário realizar conjunto de ações para a compreensão da dimensão histórica desses estudantes, e sua verdadeira inclusão. Na escola pesquisada, percebeu-se que o professor está sempre atento as singularidades dos alunos, e por isso, constrói cuidadosamente os processos pedagógicos, fazendo um redimensionamento de

sua prática com clareza na seleção cultural do conhecimento considerado essencial para o aluno na perspectiva de sua classe social.

A esse respeito Freire (2006, p. 33-34) comenta que “para ser válida, toda educação, toda ação educativa deve necessariamente estar precedida de uma reflexão sobre o homem e de uma análise do meio de vida concreto do homem concreto a quem queremos educar (ou melhor dito: a quem queremos ajudar a educar-se).” Segundo o autor, o processo de formação de jovens e adultos deve ampliar, acumular, incorporar saberes e sentimentos por via das sensações vividas nas experiências educativas, isto é, a educação deve oportunizar um ensino com base nas vivências dos alunos, para que, sintam-se incluídos e sua aprendizagem seja contextual e facilitada.

A educação, segundo a Constituição Federativa da República do Brasil de 1988 é um direito fundamental, e o seu ensino gratuito é direito público subjetivo:

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988).

Todo cidadão brasileiro tem o direito a educação garantido por lei, entretanto, na maior parte das vezes esse não é efetivado. É alarmante o número de brasileiros que não avançam no nível de escolarização devido à ausência de escolas suficientes e por não atenderem às necessidades dos alunos, devido ao modelo em que historicamente fora criado para atender as necessidades de uma classe social privilegiada.

Frente à experiência vivenciada no estágio supervisionado, com a turma da EJA com alunos privados de liberdade, é notório que esses direitos não foram garantidos no tempo hábil, pois muitos apresentam dificuldades na leitura e na escrita, e operações básicas de matemática.

A educação da pessoa privada de liberdade é um direito assegurado pela Lei de Execução Penal – LEP (1984) e padece de um conflito existencial em relação aos entraves políticos e sociais. Na experiência notou-se a resistências advindas não dos alunos PPL’S, mas dos agentes penitenciários, talvez por sua formação está distante da visão de um educador, onde ver a pessoa humana e de direito educacionais.

A educação, que deveras é garantida por documentos legais, enfrenta diversos desafios tanto na sua implantação, considerando que uma escola no contexto prisional requer uma estrutura física adequada para que se concretize o ato educativo, os desafios que norteiam a escola no CRRCAM são fatores externos como, o espaço pequeno onde funciona a escola, o

barulho que desconcentra os estudantes e os agentes penitenciários que dificultam o trabalho dos professores.

Apesar do preconceito e da resistência de alguns a oferecer essa educação, um fator decisivo para o processo de ensino e aprendizagem, dentro da instituição é a relação-professor aluno. Os professores nesse espaço são atores que fazem total diferença na vida e formação desses sujeitos, estes encontram-se empenhados e dispostos para garantir os processos educacionais a qual esse público tem direito. Uma educação que seja no viés do reconhecimento e emancipação cidadã do homem, no sentido em que devem ser incentivadas as atividades culturais e intelectuais para o seu desenvolvimento, assim como trata o artigo 26 da mesma.

Art. 26. 1. Toda a pessoa tem direito à educação. A educação deve ser gratuita, pelo menos a correspondente ao ensino elementar fundamental. O ensino elementar é obrigatório. O ensino técnico e profissional deve ser generalizado; o acesso aos estudos superiores deve estar aberto a todos em plena igualdade, em função do seu mérito. 2. A educação deve visar à plena expansão da personalidade humana e ao reforço dos direitos do homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão a tolerância e a amizade entre todas as nações e todos os grupos raciais ou religiosos, bem como o desenvolvimento das atividades das Nações Unidas para a manutenção da paz. (BRASIL, 1988).

É notório a luta e empenho dos professores, para que os alunos da escola de reinserção Social Aginaldo Júnior/ CRRCAM, tenham esses direitos garantidos e uma educação de fato emancipatória, para que a reinserção em sociedade desses sujeitos, seja com perspectivas e ações diferentes. A fala do professor supervisor, Hélio Góes que acompanhou os estagiários nessa experiência: “*essas pessoas estão privadas de liberdade, não de direitos*” reforça a reflexão da importância de lutar por essa garantia de direito.

Ainda na relação professor-aluno, afirma Brandão (1981) através da Pedagogia Freiriana que ninguém educa ninguém e ninguém se educa sozinho. A educação é um ato coletivo e solidário e não pode ser imposta. Nesse viés a escola de reinserção, desenvolve seus métodos de ensino, onde essa perspectiva de educação é levada a sério, onde os alunos são sujeitos livres no espaço da sala de aula para perguntar e questionar, suas dúvidas e inquietações tem vez, para desenvolver um processo formativo com alunos participativos, contrapondo-se a lógica de educação bancária que freire critica, onde o professor é o detentor do conhecimento, e o aluno não tem vez e voz.

Nessa experiência de formação podemos notar o quanto somos delimitados em relação ao nosso percurso formativo, pois os seres humanos em contato com mundo são fatores em constantes transformações, por outro lado, as pessoas tendem a se aproximar somente do que vos é útil ou agradável. Notamos quão irrelevantes somos aos processos de transformações que a vida reproduz quando se referem a realidade que estão presentes em nosso processo de

formação sendo ele educacional, social, econômico e cultural. Exemplo disso são as transformações de percepção, que ocorreram em nós mesmos, durante os dias de estágio vivenciados, processo esse de desconstrução da percepção em relação aos privados de liberdade do CRRCAM, essas alterações ocorrentes a partir de relacionamento do ser humano para com o mundo. Nesse viés, Freire (1990) ressalta: “ninguém nasce feito, é experimentando-nos no mundo que nós nos fazemos”. Desse modo, essa experiência nos possibilitou pensar para além dos nossos preconceitos, deixando de fato ocorrer o processo de humanização, pois para enxergar além da nossa "janela" torna-se necessário uma “desconstrução no nosso eu”.

Assim, percebemos que a educação é uma das formas de promover mudança, tanto na vida quanto nos processos que vivenciamos por meio dela e para que isso seja perceptível precisamos nos despir de nossos preconceitos e assim como fatores essenciais para a formação social da humanidade, como professores e futuros educadores possamos garantir direitos até mesmo para quem a maior parte da sociedade renega. Todavia uma nova chance sempre é necessária se permitir.

Durante a observação foi possível constatar a importância da educação para mudança de atitude e de vida dessas pessoas. Os alunos se mostraram extremamente preocupados em deixar nossas atividades mais fáceis, nos deixando a vontade, principalmente durante a regência. Nas aulas expositivas os alunos foram bastante participativos e interessados a aprender o conteúdo, interagindo e respondendo às perguntas propostas. Porém, é notório que muita coisa ainda precisa ser trabalhada, tanto sobre os assuntos didáticos como a construção de uma educação emancipatória visando a mudança e qualidade de vida, e principalmente a reinserção desses indivíduos dentro da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola que se propõe a trabalhar com a Educação de Jovens e Adultos acolhe não só indivíduos, mas também situações e experiências concretas, saberes e conhecimentos que trazem de fora do contexto escolar. Tais aspectos, exigem que o professor conheça todos as políticas e a história das lutas em prol da EJA que asseguram o direito desses educandos de gozar de forma integral de uma educação de qualidade, pois só a partir de tais atitudes o professor abrirá as portas da sala de aula para uma nova ótica educacional, aquela que busca acima de tudo que garantir a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno dos alunos e leve-os até a conclusão de seus estudos e quem sabe para a sua inserção no mercado de trabalho.

Diante das experiências vivenciadas no estágio da Educação de Jovens e Adultos (EJA), foi possível compreender a importância desse processo educacional na vida dos alunos que buscam a conclusão de seus estudos. Durante o estágio, pôde ser observado o comprometimento dos professores e a superação dos alunos em relação às dificuldades enfrentadas. Além disso, pudemos constatar a necessidade de adequação do currículo e das metodologias de ensino para atender às especificidades e singularidades dos alunos da EJA.

Assim, acreditamos que a EJA desempenha um papel fundamental na promoção da democratização do acesso à educação e na garantia do direito à educação a todos os cidadãos, independentemente da idade e das circunstâncias que decidem a retornar com seus estudos.

Como futuros educadores, é nosso papel reconhecer a importância da EJA em diversas realidades e buscar constantemente aperfeiçoar nossas práticas pedagógicas para atender às necessidades de nossos alunos, valorizando suas experiências e saberes prévios e colaborando para a formação integral e cidadã dos mesmos. Além disso, é fundamental garantir a inclusão e a equidade no processo educativo e promover a construção coletiva do conhecimento, numa perspectiva crítica e reflexiva.

Assim, o estágio na EJA com na Escola de Reinserção Social Aguinaldo Júnior nos permitiu expandir nossas visões sobre a educação e que os alunos trazem consigo uma bagagem de experiências que podem enriquecer o ensino e o diálogo em sala de aula. Muitos deles possuem vivências significativas que podem ser compartilhadas com os demais colegas e, por isso, é fundamental que o docente esteja preparado para ouvir e valorizar essas construções individuais. Portanto, é inegável que a EJA é uma modalidade de ensino capaz de proporcionar oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional para seus alunos, possibilitando que eles se sintam inseridos e valorizados.

É importante salientar que EJA vai além do ensino das matérias curriculares. É preciso ser um agente transformador, capaz de despertar nos alunos a consciência crítica e cidadã, incentivando-os a participar ativamente na sociedade e a entender e lutar por seus direitos. Nesse sentido, a EJA é uma importante ferramenta social para a inclusão e democratização do acesso à educação, permitindo que pessoas que por alguma razão não tiveram a oportunidade de estudar ou concluir seus estudos no tempo "convencional" possam retomá-los para que possam ser incluídas em nossa sociedade.

Sendo assim, o que ficou de aprendizagem através dessa vivência foi que a educação não está restrita somente a uma sala de aula tradicional, vista por muitos como aquela que contém crianças, professor, gestores, recursos e a estrutura geral de uma escola, a educação se faz presente em todos os lugares, seja qual for o público, mesmo com poucos recursos e uma

infraestrutura simples, o ato de educar pode ser levado muito além, basta que se faça presente o querer, a força de vontade de quem ensina e quem aprende, onde o verbo desistir não seja uma opção.

Ademais, além de ter tido um caráter diferente por conta do público de jovens, adultos e em alguns casos idosos, também gerou impacto, no primeiro momento, o fato de ter sido em uma escola incomum, de certa forma. Todavia apesar dos desafios encontrados, foi uma experiência de ensino e aprendizagem muito produtiva, de boas relações entre professor e aluno e que mudou olhares.

Por meio desta prática, foi possível extrapolar a singularidade do educar e partir para uma visão de educação para todos, na ótica da equidade social, já que a EJA oportuniza mais dignidade para jovens e adultos. Portanto, a experiência do estágio supervisionado na Educação de Jovens e adultos – EJA foi única. Vivenciar a EJA é algo muito diferente, na maioria das vezes desafiador, pois o ato de ensinar precisa ser elaborado com bastante cautela, já que o público é diferente da maioria do sistema de ensino, no qual há em grande escala crianças e adolescentes. Através do estágio, esse ensino pôde ser visto e praticado de forma breve, mas serviu como inspiração e um degrau na formação de quem o vivenciou. Nesse sentido, o estágio foi uma oportunidade enriquecedora para aprimorar nossa formação como futuros profissionais, permitindo com que pudéssemos vivenciar a prática educativa em um contexto real e conscientizando-nos da responsabilidade social que um educador possui.

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. G. **Formar educadoras e educadores de jovens e adultos**. In: SOARES, Leôncio. (Org.). **Formação de educadores de jovens e adultos**. 1ed. Belo Horizonte: Autêntica, p. 17-32, 2006.

BRANDÃO, C. R. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

BRASIL. **Lei de Execução Penal (1984)**. Lei de Execução Penal: Lei n. 7.210, de 11 de julho de 1984: institui a Lei de Execução Penal, – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2008.

BRASIL. **Ministério da Educação**. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

FREIRE, P. **A educação na cidade**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Ed. 17. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P, 1921 – 1997. **Política e Educação: Ensaio** / Paulo Freire. – 5. ed. - São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23).